

# A FRENTE NEGRA BRASILEIRA NA BAHIA

*Jeferson Bacelar\**

## Introdução

No início da década de 30, começou a organizar-se a Frente Negra Brasileira. Em 16 de setembro de 1931 foi fundada a Frente Negra em São Paulo e em 1933 começou a circular o seu jornal, denominado a *Voz da Raça*. Desde a sua formação a Frente Negra desenvolveu uma organização que possibilitou o seu crescimento e penetração em São Paulo e em várias outras regiões do Brasil. Era dirigida por um Grande Conselho, composto de 20 membros, selecionando-se, dentre eles, o seu presidente. Havia ainda um Conselho Auxiliar, formado pelos cabos distritais da Capital. Com sede em São Paulo, tinha delegados da capital, interior e outros Estados.

Uma razoável bibliografia tem se ocupado da presença e desenvolvimento da Frente Negra em São Paulo<sup>1</sup>, mas, no resto do país ela é escassa ou quase nula. Na Bahia, excetuando a abordagem de Thales de Azevedo<sup>2</sup> em *as Elites de Cor*, e breve referência em artigo de Maria de Azevedo Brandão<sup>3</sup>, inexistem qualquer obra tratando da sua organização.

Daí é que, baseado em documentação extraída dos jornais da época, aventurei-me a mostrar um pouco da sua presença e significado na vida baiana. E, sobretudo, intentar que seja uma abertura para estudos mais

\* Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> Sobre o assunto, ver: Roger Bastide, "A imprensa negra do Estado de São Paulo" in *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1973, pp. 132-156; Florestan Fernandes, *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, Volume 2, São Paulo, Editora Ática, 1978, pp. 1-115; Clóvis Moura, "Organizações Negras" in Paul Singer e Vinicius Caldeira Brant (orgs), *São Paulo: o povo em movimento*, Petrópolis, Vozes/CEBRAP, 1980, pp. 154-157; Elisa Nascimento, *Pan-Africanismo na América do Sul. Emergência de uma Rebelião Negra*, Petrópolis, Vozes/IPEAFRO, 1981, pp. 178-184; Miriam Ferrara, *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH, 1986, pp. 62-85; George Reid Andrews, *Blacks and Whites in São Paulo - Brazil 1888-1988*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1991, pp. 146-156.

<sup>2</sup> Thales de Azevedo, *As Elites de Cor*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955, pp. 185-193.

<sup>3</sup> Maria de Azevedo Brandão, "Conversa de branco", in *Revista de Cultura Vozes*, nº3, (1979), p. 34.

aprofundados sobre os movimentos negros em Salvador no período após a Abolição.

## A frente negra de Salvador

Segundo Thales de Azevedo, até a década de 30, as únicas organizações de “gente preta” existentes na cidade eram as irmandades e algumas associações operárias e beneficentes, nenhuma das quais tinha a finalidade expressa de defesa das pessoas de cor contra os preconceitos raciais.<sup>4</sup>

Em pesquisa nos jornais, além da Sociedade Educadora Treze de Maio<sup>5</sup> - criada com finalidades educacionais e de controle sobre a massa egressa da escravidão - encontrei referência apenas à Liga Henrique Dias, presumivelmente formada por pretos. No caso, o jornal *O Democrata*, de 21 de março de 1917, anunciava uma reunião da Liga, para “tomar conhecimento do fato de ter o padre jesuíta diretor do collegio Antonio Vieira recusado receber ali, para educar, um menor de cor preta”. Não encontramos posteriormente indicações sobre as atividades ou mesmo a sobrevivência da citada organização, nem tampouco sobre o desdobramento do raro caso de racismo expresso na imprensa.

Em suma, de forma geral, corroborando o pensamento de Thales de Azevedo, não ganhou destaque na Primeira República nenhuma organização emanada do “meio negro” que tivesse a perspectiva de romper a forma tradicional de acomodação e dominação racial, investindo no protesto ou reivindicando melhores condições para os pretos e mestiços na sociedade baiana.

Entre julho e novembro de 1932 foi criada a Frente Negra da Bahia, porém a sua instalação com sessão do Grande Conselho, presidido por Marcos Rodrigues dos Santos, ocorreu em 15 de novembro na sua sede

<sup>4</sup> Azevedo, *As Elites de cor*, p. 185.

<sup>5</sup> Ainda no calor das festas, ou no secar das lágrimas, o Presidente da Província já convocava, em 16 de maio de 1888, uma reunião para a criação da Sociedade Treze de Maio, com a finalidade de “recorrer a acção particular para promover a instrução dos libertos, defendel-os quando preciso, e dar-lhes collocação e trabalho, evitando-se os perigos que da vagabundagem pudessem resultar para a ordem pública”. (*Falla com que o Des. Aurelio Ferreira Espinheira 1o. Vice-Presidente da Província abriu a 2a. sessão da 27a. Legislatura da Assembléia Legislativa Provincial, no dia 2 de abril de 1889, p. 96*). Aceita por unanimidade a criação, já no dia 21 de maio a Sociedade estava instalada. No ano de 1898, a Sociedade ainda se mantinha atuante, tendo a sua escola “matriculados na aula diurna 97 alunos, com a freqüência de 70 mostrando no mez aproveitamento de 53; e na aula noturna a matricula de 89 alumnos menores e adultos e a freqüência de 26”: *Diário da Bahia*, 28/10/1898, p. 3.

provisória à rua Ruy Barbosa, n. 44 (loja). Na oportunidade, além da comunicação às autoridades - no caso ao interventor Juracy Magalhães - e à Frente Negra de São Paulo ("a qual é a aqui filiada") deliberou-se que no dia seguinte seus membros estariam reunidos para tratar da confecção dos estatutos.<sup>6</sup>

O seu idealizador, Marcos Rodrigues dos Santos, em entrevista à grande imprensa, falou de sua trajetória de vida:

Sou de Santo Antonio de Jesus, disse. Ali aprendi primeiras letras com a Profa. Zizinha que ainda vive e o ofício de sapateiro. Mas não eram essas minhas aspirações. Por isso aos 14 anos vim aqui para a capital. A vida foi difícil mas sempre consegui trabalho. Pertencendo à conferência de São Vicente de Paula pude ser adjunto de Conferente das docas por pedido de D. Henriqueta Catharino, que o fez para atender ao Dr. Augusto Lopes Pontes. Desde então gostava de ensinar a ler aos que não sabiam chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente da Mouraria. Depois emigrei. Fui alfabetizar em Segueiro do Espinho, Verruga, Encruzilhada. Ahi iniciei a minha vida de judeu errante viajando para o norte de Minas, sempre pregando contra o analfabetismo. Desci depois o Jequitinhonha, estive em Cachoeirinha, Canavieiras e Belmonte, voltando a esta capital em 1924. No anno seguinte casei-me. Vendo que ninguém é profeta em sua terra emigrei novamente. Fui para São Paulo. Vicentino que eu sou, consegui empregar-me como fiscal de estrada de rodagem. Fundei uma Conferência de São Vicente e uma escola em Cubatão. Judeu errante sempre, fui depois para Santos, lecionando no mosteiro de São Bento. Ahi fundei a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros. Em 1932, apertaram as saudades e vim para a mulata velha.<sup>7</sup>

Evidentemente, a rica trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos, sobretudo a sua experiência paulista, condicionou não apenas a elaboração dos estatutos, tendo a Frente Negra de São Paulo como modelo, mas também os rumos do movimento.

<sup>6</sup> *Diário da Bahia*, 16/11/1932.

<sup>7</sup> *Diário da Bahia*, 16/11/1932.

A proposta da Frente Negra da Bahia, na “defesa dos direitos e interesses da sua classe”, pautava-se nos seguintes pontos:

1º Alfabetização, como um dos formidáveis factores da sua instituição, o que deve constituir a pedra angular de todas as organizações que se venham fundar no nosso Brasil.

2º O levantamento moral da raça, falha que vem da sua gênese, principalmente em relação à formação nobilíssima da família. Devemos mesmo trabalhar pela formação da elite da mulher negra [...]. O negro será ajudado, não lhe faltará a moeda para o sustento da sua família já legalmente constituída. Trabalho tampouco faltará pois é um dos pontos de maior cogitação nossa.

A Frente Negra tem uma política de sua orientação mui sutilmente estudada pois o negro não pode estar alheio a política do seu paiz, servindo tão somente de guarda-costas aos srs. candidatos que julgam ser este o seu único lugar nos pleitos e o negro que dá tudo o que tem, quando não lho arrancam maneirosa ou mesmo agressivamente, nada pede para si.<sup>8</sup>

Em janeiro de 1933, a Frente Negra instala-se de forma permanente na rua da Ajuda, no. 12, mantendo, conforme notícias dos jornais de Salvador, até agosto do mesmo ano, as suas atividades.

No plano educacional, iniciam cursos de alfabetização noturnos:

o que mais satisfaz no momento é a maneira carinhosa com que alphabetiza o grande número de alumnos que buscam a sua sede ávidos de educação e instrução. É tocante ver-se senhores e creanças em singela promiscuidade atarefados no desempenho das lições e das escriptas, num verdadeiro anseio de aprender.<sup>9</sup>

Mas também abrem “inscrições para os cursos: primário, complementar, de musica, dactylographia e linguas”<sup>10</sup>. Os fundos para a manutenção das atividades, vinham de sessões e festas beneficentes: não só por falta de

<sup>8</sup>*Diário da Bahia*, 26/04/1933.

<sup>9</sup>*Diário da Bahia*, 21/06/1933.

<sup>10</sup>*Diário da Bahia*, 21/06/1933.

meios mais promptos, como pella concorrência de alunos, a “Frente” necessita comprar um mobiliário escolar. Para isso foi organizado um Festival no Cine Olympia para o dia 30 deste mez para o qual a “Frente Negra” tem encontrado apoio confortador.<sup>11</sup>

Eram festas com finalidade recreativas e culturais, mas também visando desenvolver a solidariedade e o orgulho racial. Assim, reuniam-se os fretenegrinos para assistir um “film inédito” e participar do “jazz” da Frente Negra, “cantando nesta ocasião o hino da Frente”.<sup>12</sup> Uma das perspectivas alentadas pela organização era a criação de uma nova imagem para a mulher negra, daí a institucionalização de um quadro social feminino.<sup>13</sup>

Nas comemorações do 13 de maio, reverenciavam as figuras abolicionistas, como Castro Alves, Luís Gama, José do Patrocínio, porém, sem esquecer os batalhadores da “causa negra” do presente século: “Às 9 horas como ficou estabelecido, grande número de fretenegros foram em verdadeira romaria aos túmulos dos profs. Maxwel Porphirio, Ascendino dos Anjos e Manoel Querino, onde depositaram flores naturais”.<sup>14</sup>

Maxwel Porphyrio de Assumpção era advogado, negro, sendo o personagem a quem se refere Donald Pierson, ao tratar da importante família Alakija, de origem africana.<sup>15</sup> Vários dos seus descendentes são hoje profissionais liberais bem sucedidos em Salvador. Foi Maxwel que, na década de 20, avocando a sua negritude, protestou, através da imprensa, contra o projeto apresentado à Câmara Federal pelo deputado Cincinato Braga proibindo a imigração negra para o Brasil”.<sup>16</sup> Segundo o historiador Cid Teixeira, Ascendino dos Anjos era uma liderança negra, funcionário da Escola Politécnica da Bahia. Ambos, assim como tantas outras lideranças negras da Bahia, estão por merecer estudos biográficos aprofundados e sistemáticos. Mais conhecido, Manuel Raimundo Querino foi abolicionista,

<sup>11</sup>*Diário da Bahia*, 26/05/1933.

<sup>12</sup>*Diário da Bahia*, 03/06/1933. Em São Paulo a Frente Negra tinha um hino. Não sabemos se seria um único hino para a Frente ou se apresentavam versões regionais. Existia também em São Paulo uma bandeira com quatro cores: “simbolizava o português (cor branca), o índio (cor vermelha), o africano (cor preta) e o verde, em forma de palmeira, representando a Guerra de Palmares. *A Voz da Raça*, 1936, ano II, No. 56, apud Miriam Ferrara, *A imprensa negra*, p. 68.

<sup>13</sup>*Diário da Bahia*, 17/06/1933.

<sup>14</sup>*Diário da Bahia*, 17/06/1933.

<sup>15</sup>Donald Pierson, *Branços e Pretos na Bahia. Estudo de Contacto Racial*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971, p. 280.

<sup>16</sup>*A Tarde*, 08/08/1921.

político, jornalista, professor, um dos precursores da Antropologia brasileira e sobretudo um dos grandes defensores da causa negra no Brasil.<sup>17</sup> A Frente Negra promovia conferências, com temas como “O Negro, a Indústria e a Sociedade” ou “O Negro bahiano, a família e a alfabetização”, bem como publicava “um semanário, com o objetivo de divulgar e defender os interesses da organização partidária que lhe tem o nome”.<sup>18</sup>

A Frente também mediava as questões mais práticas como a intervenção no mercado de trabalho. Na própria sede da Frente, foi instalada uma agência de empregos “visando melhorar e controlar os diversos misteres em que se ocupam os operários e domésticos [...] para onde qualquer empregador ou desempregado poderá se dirigir”.<sup>19</sup>

Porém, foi no campo político que a sua atuação ganharia maior impacto, através da realização de comícios no Largo 2 de Julho, na Fazenda Garcia, no Largo do Tanque da Conceição, em Sete Portas, Baixa de Quintas e nas Docas, “focalizando a alfabetização da raça e a liberdade de voto”.<sup>20</sup> Estimulados pela grande adesão aos “meetings”, como por exemplo nas Docas, entre os 4o. e 5o. armazéns, onde chegaram a reunir 3.000 mil pessoas, a Frente lançou candidato próprio - Dionysio Silva - para a Constituinte Nacional.<sup>21</sup>

Do ponto de vista do ideário, bem como das ações, existem muitas aproximações entre a Frente Negra paulista e a baiana. Porém, levando em consideração as peculiaridades históricas e políticas de Salvador, no que concerne ao seu quadro social e o alcance de suas propostas, iremos verificar um grande distanciamento entre as duas Frentes.

Assim como em São Paulo, a Frente Negra baiana não vai contra a ordem social, política e econômica estabelecida. O que ela pretende é a integração do negro, através da conquista das oportunidades e garantias sociais legalmente consagradas pelo regime vigente. E essa conquista se daria pela imitação dos exemplos fornecidos pelos próprios brancos. Sobre São Paulo, escreve Florestan Fernandes: A essa complexa aprendiza-

<sup>17</sup>Manuel Querino foi objeto de um relato biográfico traçado pelo historiador Jorge Calmon. Inicialmente publicado na série Ensaios e Pesquisa do Centro de Estudos Afro-Orientais com o título *Manuel Querino, o jornalista e o político*, Salvador, CEAQ, 1980. Recentemente foi republicado com o título *O Vereador Manuel Querino*, Salvador, Câmara Municipal de Salvador, 1995.

<sup>18</sup>*Diário da Bahia*, 16/02/1933.

<sup>19</sup>*Diário da Bahia*, 10/05/1933.

<sup>20</sup>*Diário da Bahia*, 02, 13, 14, 21, 31/03/1933 e 26/04/1933.

<sup>21</sup>*Diário da Bahia*, 31/03/1933.

gem prendem-se as palavras de ordem que se formaram, que insistiam no valor da vida familiar integrada, na solidariedade doméstica, no respeito pela mulher, na importância da educação dos filhos, etc., que lançariam a “população de cor” em uma autêntica política cultural de assimilação em bloco de complexos sócio-culturais a que se mantivera, antes, mais ou menos indiferente.<sup>22</sup>

Do ponto de vista ideológico, conforme podemos observar, há uma perfeita sincronia entre São Paulo e Bahia. Entretanto, no que concerne a seus quadros, já existe uma distinção.

Em São Paulo, os pretos e mestiços que foram durante toda a Primeira República discriminados abertamente no mercado de trabalho e substituídos pelos imigrantes, tinham grandes expectativas de superação da dominação racial vigente na década de 30. A possibilidade de mudança acenada pela Revolução, em combinação com o desencanto das elites dirigentes em relação ao imigrante estrangeiro, favoreceu o desencadeamento de um movimento especificamente negro visando a sua inserção moral e material na sociedade. A Frente Negra encontra perfeito eco no seu afã mobilizador, seja diante da grande “massa de cor” - excluída da prosperidade geral - seja diante de segmentos das “camadas médias negras”, impossibilitadas de ascender socialmente.<sup>23</sup>

Em Salvador, com história diferente de São Paulo, os descendentes dos escravos não são desalojados das suas posições no mercado de trabalho, alguns mestiços integram-se ao “mundo dos brancos” e muitos pretos, sobretudo no trabalho autônomo, atingem modesta, mas estável condição material. Por sua vez, a Revolução de 30 não opera grandes transformações no campo social em Salvador, sendo mantidas as tradicionais formas de dominação e relações raciais. Ou seja, uma situação completamente distinta da existente em São Paulo, onde o “padrão de relação entrou em crise progressiva e irreversível, graças aos efeitos da universalização do trabalho assalariado, à consolidação da ordem social competitiva e à industrialização”.<sup>24</sup>

Assim, a Frente Negra de Salvador é inteiramente rejeitada pela elite mestiça, auto-identificada e identificada socialmente como branca, bem como pelos pretos que atingiram alguma prosperidade material. Antonio Rocha Pitta, funcionário do Tesouro do Estado, antigo tenente da Guarda Nacional, expressou objetivamente tal situação: “Botaram meu nome

<sup>22</sup> Fernandes, *A integração do negro*, p. 15.

<sup>23</sup> Idem, pp. 23-24.

<sup>24</sup> Idem, p. 16.

na Frente Negra. Nada tenho que ver com a Frente Negra. Não vejo razão para isso e sou contra”.<sup>25</sup> Thales de Azevedo reitera tal perspectiva, ao assinalar:

A posição dos escuros de status profissional elevado é geralmente de alheamento por esses movimentos; muito poucos na verdade prestigiam-nos. Quando muito, dão a sua adesão nominal e fazem contribuições pecuniárias para os mesmos, mas acompanham de longe as suas atividades, evitando toda publicidade a seu respeito, embora simpatizem com o programa dos que se propõem a elevar pela educação os pretos humildes.<sup>26</sup>

Isso quer dizer que a Frente Negra do “paraíso racial” baiano encontra, no máximo, entre esses segmentos da população mestiça e preta, benevolência e paternalismo para o desenvolvimento de suas atividades assistenciais. Nada de comunhão de idéias e muito menos participação.

As ações desencadeadas contra a discriminação racial, evidenciando o empobrecimento da grande massa preta, e a luta contra o preconceito - largamente explorada em São Paulo - do qual eram contumazes vítimas, não encontrariam qualquer guarida entre os pretos e mestiços socialmente ascendentes. Preferiam o lugar que lhes era concedido pelo “mundo dos brancos.”

A realidade do “mito da democracia racial” era inquestionável, não havendo assim motivo para as pessoas se agruparem em função da sua cor. “Isso teria caráter de luta, que é indesejável. O pardo e o preto devem procurar entrar pelas portas largas do merecimento, sem necessidade de forçá-las.”<sup>27</sup>

Ao contrário de São Paulo, a Frente Negra de Salvador é criada por um operário, dirigida por pretos e mestiços de condição bastante modesta e tem a participação exclusiva, ainda que pequena, da classe trabalhadora.

A receptividade da Frente Negra nas categorias subalternas tem íntima vinculação com a história da luta proletária em Salvador. Ao iniciar-se a década de 30, a Bahia atravessava uma grave crise econômica e social,

<sup>25</sup> *A Tarde*, 23/01/1933.

<sup>26</sup> Azevedo, *As elites de cor*, p. 191

<sup>27</sup> *Idem*, pp 191-192.



com desemprego em massa e empobrecimento generalizado dos trabalhadores.<sup>28</sup> Por sua vez, a contínua repressão desencadeada ao longo da década de 20 sobre o movimento operário, solapava brutalmente a sua capacidade reivindicatória. A revolta ocorria muitas vezes até mesmo de forma violenta, como no episódio do "quebra-bondes" de 1930.<sup>29</sup> Porém, a insatisfação generalizada existente na classe proletária, acuada pela repressão e vendo esfaceladas as conquistas atingidas anteriormente, precisava de canais sistemáticos, contínuos, organizados, de reação ao poder vigente. A presença do interventor Juracy Magalhães que, com pragmatismo político, alia-se aos grupos dominantes estabelecidos - mantendo as suas práticas - e intensifica o autoritarismo, cerceia ainda mais a possibilidade de mobilização e luta do proletariado.

A Frente Negra tornou-se, então, um veículo importante para trazer à tona, ainda que timidamente, as insatisfações reprimidas. Mais, expunha um componente, a questão racial, que embora aparentemente adormecido tocava fundo no contingente majoritário da classe trabalhadora.

Enquanto em São Paulo a Frente Negra - pela composição dos seus quadros e forma histórica de participação social do negro - dava o máximo de evidência ao "preconceito de cor" (englobando todos os padrões assimétricos de relação racial), tal perspectiva não ganha corpo em Salvador. Primeiro, enfatizar o preconceito seria atingir frontalmente um dos valores básicos da sociedade e cultura baianas: o mito da democracia racial, concepção incorporada por todos os segmentos sociais, inclusive a maioria da massa trabalhadora, apesar de sair disto a liderança e os membros da organização. Segundo, a Frente passava distante - na medida em que "os pretos pobres estavam em seu lugar" - dos mais atingidos pelo preconceito, que eram os pretos e mestiços ascendentes social e economicamente. Assim, a Frente Negra de Salvador enfatizaria a discriminação - "Ela aconselha a estudar a miséria do negro em toda a parte"<sup>30</sup> -, os padrões de desigualdade sócio-econômica entre brancos e pretos, sendo os últimos mantidos na pobreza e desassistência. Mostrava, desse modo, uma situação incontestável e com forte eco na massa negra empobrecida. Para superar os padrões assimétricos, a Frente Negra apresentou como proposta a união racial. Solidários, através da educação e da participação política, os negros poderiam integrar-se no "Brasil civilizado." Pode-se dizer que, da-

<sup>28</sup> Consuelo Novais Sampaio, *Poder & Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República*, Salvador, Assembléia Legislativa, 1992, pp 42-43.

<sup>29</sup> Idem, pp 43-44.

<sup>30</sup> *A Tarde*, 23/01/1933.

das as circunstâncias e o pragmatismo do seu programa, a Frente Negra obteve repercussão e ganhou significado para setores da massa trabalhadora. Ademais, pela primeira vez abordou uma questão tabu para a sociedade de Salvador: a situação racial. Ao focar a desigualdade entre as raças e suscitar a solidariedade negra, acertava em cheio no diagnóstico; porém, conforme veremos, as bases da construção do diagnóstico e o “remédio” recomendado se mostraram bastante frágeis. Daí a curta duração da Frente em torno de um ano.

Segundo Florestan Fernandes, tratando da Frente Negra em São Paulo, o “branco” não se levantou contra o “negro” nem se opôs, abertamente, a seus movimentos reivindicatórios. Em Salvador, porém, a imprensa local, ao surgir a Frente Negra considerou “uma novidade para a Bahia a notícia de que os homens de cor, para os quais não se fazem distinções, tanto que os há em todas as carreiras e postos, vão se consagrar”[...] “Um professor da Universidade, num artigo irônico, chegou a levantar a hipótese de que o movimento fosse resultante da influência comunista que se estivesse aproveitando da agitação política da ocasião.”<sup>31</sup>

Por uma dessas ironias da história, décadas mais tarde ocorreria o mesmo fenômeno quando do surgimento do bloco cultural Ilê Aiyê, em 1975, com virulenta reprovação do mesmo jornal *A Tarde*.<sup>32</sup>

Entretanto, excetuando essas notas jornalísticas que expressavam o ideário da sociedade local, assim como em São Paulo, não se verificou em nenhum momento oposição aberta do “mundo dos brancos”. O que a Frente Negra de Salvador teve realmente de reação frontal a seus objetivos e desenvolvimento foi o peso de todo um sistema de valores e práticas - pautados no mito da democracia racial e desqualificação do preto - cotidianamente vivenciados por brancos e não-brancos. Um sistema tão visceralmente entranhado nas categorias raciais que compunham Salvador, a ponto de um “informante mulato” dizer:

Uma das primeiras atividades da Frente, que desagradou às pessoas escuras de status mais elevado [...] foi um desfile de pobres pretos por uma das ruas comerciais da cidade, com o fito de mostrar a miséria em que viviam aqueles e de despertar atenção para a nova organização. Segundo o mes-

<sup>31</sup> Thales de Azevedo, *As elites de cor*, p. 186.

<sup>32</sup> Jônatas C. da Silva, “História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia”, in: João José Reis (org.) *Escravidão & Invenção da Liberdade. Estudos sobre o Negro no Brasil* (São Paulo/Brasília: Editora Brasiliense/CNPq, 1988), pp 278 - 281.

mo informante, o movimento “já nasceu fadado ao fracasso pois fôra organizado “como uma espécie de revolta.”<sup>33</sup>

Enfim, como até os dias atuais, os discursos e práticas do projeto hegemônico -, construído pelos grupos dominantes, pelo “mundo dos brancos” - a conferir força e durabilidade no que viríamos a chamar de “baianidade”, foram muito mais eficazes do que qualquer ação repressiva direta. Este era e continua a ser o nó górdio, o limite para o alcance dos movimentos negros. Como reflexo da dominação racial e política, o ideário da Frente Negra em torno da autonomia do voto, que permitiria a sua aceitação na massa trabalhadora, refluiria para o corriqueiro processo de cooptação pelos “donos do poder”. Mas logo no início, ao reavivar o sonho projetado pelos membros do Partido Operário, pós-abolição, a Frente recebeu do “povo os mais vivos applausos, pela clareza e sinceridade com que expõem os assuntos”.<sup>34</sup>

Em 31 de março de 1933, a Frente Negra lançou o professor Dionysio Silva como candidato a “representante único da Frente à Câmara Federal”, ou seja, as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte.<sup>35</sup> Entretanto, dois dias antes das eleições, o poder institucional falou mais alto e a Frente Negra “deliberou retirar o seu apoio ao candidato prof. Dionysio da Silva. Em vista disso, resolveu o seu presidente, Prof. Marcos Rodrigues dos Santos, organizar “uma chapa eclética, sufragando candidatos reconhecidos sem preconceito de cor.”<sup>36</sup>

O resultado da trajetória política da Frente em Salvador, é apresentado por Consuelo Sampaio: “Divergências internas enfraqueceram a entidade, que acabou *absorvida* pela Ação Social Proletária, ou simplesmente Ação Proletária, partido organizado sob a tutela do interventor Juracy Magalhães e composto de cerca de 20 pequenos sindicatos controlados pelo

<sup>33</sup> Azevedo, *As elites de cor*, p 186.

<sup>34</sup> *Diário da Bahia*, 21/03/1933. Na cidade do Salvador, em 1891, movidos provavelmente pelas idéias de igualdade jurídica preconizadas pelos republicanos baianos uma parcela dos trabalhadores urbanos criou o Partido Operário. Chegou até mesmo a lançar candidatos autônomos, entre eles Manuel Querino. Pouco tempo depois de criado, o próprio Presidente do Partido já dizia que “não cogitava de política” podendo seus membros ter “ampla liberdade para sufragar as candidaturas que entendessem”. Nenhum dos candidatos conseguiu se eleger e o Partido Operário cedo deixou de existir. Mario Augusto da Silva, *Sobrevivência e Tensões Sociais: Salvador, 1890-1930*. São Paulo, Tese de Doutorado na FFLCH da Universidade de São Paulo, 1982, pp. 376-377. Portanto, o processo de cooptação já tinha fortes raízes.

<sup>35</sup> *Diário da Bahia*, 31/03/1933.

<sup>36</sup> *Diário da Bahia*, 01/05/1933.

governo”.<sup>37</sup> Mais uma vez morria no nascedouro o sonho dos trabalhadores não-brancos: o jogo institucional do poder, a política no seu campo específico, permanecia um atributo dos brancos.

A trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos ainda precisa ser desvendada. Em 1937, o fretenegrino baiano escrevia em *A Voz da Raça* artigo intitulado “O que pretendem os Negros Fretenegrinos com o nome de “Frente Negra Brasileira”<sup>38</sup>. E, na década de 50, segundo Cid Teixeira, ele estava em Salvador, onde viria a falecer. Em verdade, ele foi a grande liderança da Frente Negra na Bahia e o responsável pelo seu desenvolvimento.

A Frente Negra apresentava contradições. Conforme já observamos, ela não atraiu as elites mestiças e pretas de Salvador, conseguindo atingir tão somente a classe trabalhadora. Ela propunha a integração dos negros ao mundo dos brancos, mas os negros socialmente “ascendentes” se afastavam inteiramente da identificação com os pretos pobres e seu modo vida. Ou seja, quanto mais bem sucedido o negro, mais integrado e mais distante da identidade negra, inclusive da participação na Frente. Pior, a Frente repetia o ideário dominante da desqualificação do preto: “O nosso selvagem precisa do nosso concurso e havemos de por os nossos pés civilizados em seu meio e Faremos delles semelhantes a nós. Levaremos Nosso “credo” e lhes ensinaremos a crer, a amar e a venerar o Brasil civilizado.”<sup>39</sup>

Parcelas significativas dos não-brancos tinham perfeita consciência **de sua exclusão** do estilo de vida e consumo dos grupos dominantes e, por sua vez, sabiam da estigmatização imputada ao seu próprio modo de vida. Portanto, aceitar a perspectiva da Frente consistiria em afirmar-se como uma **caricatura** dos pretos e mestiços ascendentes. Jamais algo próximo da sua experiência na sociedade baiana. Evidencia-se assim um completo descompasso entre as idéias da Frente e os participantes que pretendia atrair. O seu programa assistencial, que implicaria numa ação direta e efetiva sobre a massa negra, carente de recursos materiais, sem apoio, não teve maior fôlego. A própria Frente, ao que tudo indica, era ela própria carente de recursos.

Provavelmente em setembro ou outubro de 1933 a Frente Negra de Salvador já agonizava. Vida curta, é verdade, porém, de fundamental

<sup>37</sup> Sampaio, *Poder e representação*, p. 83.

<sup>38</sup> Marcos Rodrigues dos Santos elaborou um pequeno histórico da luta e organização do negro, criticou a ausência de “colaboração da maioria do negro intelectual brasileiro” e concluiu enfatizando que a “Frente Negra, pois, veio despertar, estimular, empregando todo o esforço para salvar a geração que surge: Miriam Ferrara, *A imprensa negra*, p. 63.

<sup>39</sup> *Diário da Bahia*, 28/12/1933.

importância na história dos negros na Bahia, na medida em que, como movimento organizado, trouxe à tona a questão racial, a desigualdade entre pretos e brancos e a escolha da união dos negros como caminho para a superação do preconceito e da discriminação. Mesmo as suas contradições e insucessos podem servir de base para uma reflexão sobre os caminhos dos movimentos negros na Bahia.